

Arena conta Zumbi e o Brasil do Negro

Diego Bezerra Belfante¹

Resumo

As músicas podem contar e conter reflexões sobre a história. Com base nesse princípio é possível utilizar músicas como ferramenta para o ensino de História. Não que as narrativas das canções possam ser tomadas em toda sua literalidade. Mas com base nelas um professor pode suscitar reflexões em seus alunos. Pensando nesse uso de canções como ferramenta didática o presente trabalho propõe a utilização das canções do musical *Arena conta Zumbi* como instrumento para instigar nos alunos meditações sobre o papel do negro na história e sociedade brasileira. Problematizando temas como a escravidão, os significados histórico-sociais da liberdade. Partindo das canções de Edu Lobo para o musical *Arena conta Zumbi* e de trechos da peça como gatilho para levar para sala de aula discussões sobre África, africanidade e cultura afro-brasileira. A necessidade de se trazer tais temas para sala de aula não se apenas devido a lei 10639/03, mas sobre tudo devido a questões relativas a problematização de nossa realidade na tentativa da superação de preconceitos e busca da construção de uma sociedade mais igual.

PALAVRAS-CHAVES: ensino de história do brasil, cultura afro-brasileira, arena conta zumbi

Abstract

Songs can count and contain reflections on the story. Based on this principle it is possible to use music as a tool for teaching history. Not that the narratives of the songs can be taken in all its literalness. But based on them a teacher can elicit reflections on their students. Thinking that use songs as a teaching tool this paper proposes the use of songs from the musical *Arena conta Zumbi* as a tool to instill in students meditations on the role of blacks in Brazilian history and society. Discussing topics such as slavery, the historical and social meanings of freedom. Leaving Songs for Music Edu Lobo *Arena conta Zumbi* and excerpts of the piece as a trigger to bring to class discussions about Africa, Africanness and african-Brazilian culture room. The need to bring these issues to the classroom not only because the law 10639/03, but mostly due

¹¹ Aluno da graduação em História da Universidade Federal do Ceará, bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET) e membro do Grupo de Estudo e Pesquisa sobre História e Documento: Reflexões sobre fontes históricas - GEPHD

to issues regarding the questioning of our reality in an attempt to overcome prejudice and seeking to build a more equal society.

KEYWORDS: EDUCATION OF BRAZIL'S HISTORY, CULTURE AFRO-BRAZILIAN, ZUMBI ARENA ACCOUNT

Introdução

O nome de Zumbi dos Palmares mais do que um personagem da história do Brasil se tornou um símbolo da cultura e resistência negra no nosso país. O vulto que essa figura alçou no imaginário popular fez dele um dos nomes dignos de figurar no panteão de heróis da pátria. Transformando-se no herói que sintetizaria em si todo o movimento de resistência contra a escravidão negra no Brasil. A relevância que a luta do Quilombo dos Palmares ganhou fez com que o dia da morte de Zumbi, 20 de novembro, torna-se o dia Nacional da Consciência Negra, em contraposição ao treze de maio dia que era comemorado a Abolição da Escravatura. Tal acontecimento configura uma disputa pela memória, disputa essa entre uma memória cristalizada do fim da escravidão no Brasil como um gesto magnânimo (seja pela nobreza da princesa Isabel ou por atos de generosidade altruísta dos abolicionistas), e uma memória conflitante que reivindica o reconhecimento dos negros como agentes ativos no processo que levou ao fim da escravidão no Brasil. Essa disputa pela memória tem como um dos seus pontos marcante o ano de 1988, ano esse que marcava o centenário da extinção da escravidão como regime legal de produção. No ano de 1988 fora planejado pelo poder público comemorações para marca o centenário da Abolição, no entanto movimentos sociais como o Movimento Negro Unificado, a então Pastoral dos negros, entre outros, marcaram este ano com protestos contra a situação.

Mas esse não foi o primeiro momento em que se reivindicava um papel ativo do negro na história. Existe todo um longo percurso de luta pelo reconhecimento do negro na sociedade brasileira. Do ponto de vista da história existe toda uma historiografia de vários matizes e orientações teóricas que vem pensando o papel do negro na sociedade brasileira. Passando da obra clássica de Gilberto Freyre, um dos primeiros a pensar o negro para além do elemento servil, até os dias atuais com toda uma historiografia renova pela escola social inglesa com nomes como Sidney Chalhoub, Hebe Matos, Robert Slenes, Eurípedes Funes entre tantos outros, sem esquecer-se da imensa

contribuição da *escola de sociologia paulista*. Não é o intuito fazer um levantamento detalhado e contendo os mínimos detalhes, até porque ele seria demasiadamente longo fugindo da proposta desse texto. O objetivo desse pequeno escrito é discutir abordagens e possibilidades sobre o ensino de história do Brasil com foco especial para uma história que pense o papel dos negros na história e cultura nacional. Para isso será utilizado o musical do Teatro de Arena, *Arena contra Zumbi* de autoria de Gianfrancesco Guarnieri e Augusto Boal, com músicas de Edu Lobo. Essa peça que conta a vida e morte de Zumbi dos Palmares, utilizando-se de liberdade poética para contar essa história de forma a atualizar a luta por liberdade e igualdade para os nossos dias. Com base nessa visão de liberdade e justiça, podem-se pensar aulas de história que busquem ir para além do mero conteúdo. Sendo objetivo principal problematizar a escravidão negra em sala de aula, pensando em conjunto com os alunos alguns temas como diáspora negra, liberdade, cultura negra e outros temas que venham a surgir dos questionamentos e colocações dos alunos.

Discussões sobre Arena contra Zumbi

Esse texto se origina a partir das experiências e discussões da disciplina de *Oficina de ensino de história do Brasil* ministrada pelo professor João Ernani Furtado Filho no curso de Licenciatura em História. Tal disciplina tem como objetivo pensar em metodologias do ensino de história, partindo dos pressupostos da aula oficina desenvolvidas pela professora Isabel Barca.

Pensando sobre a peça devemos saber que: “*O argumento básico de Zumbi foi fornecido pelo romance Ganga Zumba de João Felício dos Santos, de onde ainda provêm a espécie de dialeto falado pelos negros, do português estropiado e as expressões africanas*”... (Zanotti. 2009. Pág. 613) Dentro dessa abordagem que usa esse musical, *Arena contra Zumbi*, como fonte para reflexão relativas a questões sobre a escravidão brasileira e a luta pela liberdade, é preciso situar minimamente os alunos do que se trata essa forma de expressão cultural além de uma contextualização mínima do compositor, intérprete e músico Eduardo de Góes Lobo e do Álbum *Edu Lobo canta Zumbi*.

Na década de 1960 o compositor carioca Edu Lobo passou a conviver com vários nomes da MPB entre eles João Gilberto, Sérgio Mendes, Elis Regina, Maria Betânia, Sérgio Buarque, entre outros. Formou parceria com o poeta Vinicius de Moraes,

Gianfrancesco Guarnieri e Augusto Boal com quem trabalhou na criação do musical *Arena contra Zumbi* em 1965 o mesmo ano em que venceu o I Festival da Música Popular Brasileira com a música *Arrastão*, da extinta TV Excelsior sendo essa uma música aclamada com a letra de Vinicius de Moraes e interpretação de Elis Regina. Edu Lobo pertenceu a um grupo que renovou a MPB trazendo elementos do assim chamado “regionalismo” em conjunto com uma música engajada de protesto social. Em uma entrevista de 1999 disponibilizada em seu site o compositor fala de sua parceria com Guarnieri nessa obra:

[...] Quando fui fazer *Arena contra Zumbi*, com o Guarnieri, e a gente queria fazer a música mais elaborada o possível. Eu me lembro da música minha, chamada “Canto Triste”, foi escrita para o Zumbi e o [Augusto] Boal não quis. O Boal era mais rígido que o Guarnieri. E o Guarnieri é aquele italiano lírico, que adora grandes melodias e me estimulava a fazer isso o tempo inteiro. Ele as canções da maneira mais elaborada o possível. Ele conhecia as óperas de Verdi, Puccini. Gostava de música, de harmonia, tinha um bom ouvido. Tocava um pouco de piano, o pai era maestro, a mãe harpista, então era um parceiro que estava o tempo inteiro a espera de uma boa melodia. Inclusive ele já tinha trabalhado com Carlinhos [Lyra].

Eu nunca acreditei que arte revolucionária é aquela que abre mão da forma revolucionária. Por quê é que tem que ser assim? Em nome de quê? Quem disse isso?

Podemos ver nesse pequeno trecho a preocupação do compositor com a qualidade da música, que para ele está ligada diretamente ao potencial revolucionário da canção. Essa parte da entrevista *Desconstruindo a MPB* é dedicada à música de protesto. Mais à frente, nesse mesmo trecho, Edu Lobo fala mais incisivamente sobre arte revolucionária que tem que ter uma forma revolucionária. Discutir essa noção de uma arte atrelada a um propósito com os alunos é importante, pensar em conjunto com eles sobre as consequências de tal forma de pensar pode levar a questionamentos mais profundos sobre o estatuto da arte e seu papel em nosso dia.

Sendo assim pode-se discutir a própria noção de teatro envolvida, o teatro de arena, uma forma de fazer teatro que remonta aos anos 1950, sendo um importante movimento da dramaturgia brasileira buscando a criação de um teatro voltado a temas

populares, fugindo de um elitismo que marcava o teatro brasileiro como atesta Luiz Roberto Zanotti em um estudo sobre a carnavalização da peça em questão:

O Teatro de Arena que teve origem nos anos 50 foi o mais importante movimento da dramaturgia brasileira nos anos 60, encenando um Teatro Nacional Popular, ou seja, com características de popular, de servir como contraponto à uma cultura elitista, de buscar uma temática originada em nosso universo culturale através de uma linguagem adequada à transmissão desta temática. (Zanotti. 2009. pág. 612)

Levando Arena para sala de aula

Esse texto se origina a partir das experiências e discussões da disciplina de *Oficina de ensino de história do Brasil* ministrada pelo professor João Ernani Furtado Filho no curso de Licenciatura em História. Tal disciplina tem como objetivo pensar em metodologias do ensino de história, partindo dos pressupostos da aula oficina desenvolvidas pela professora Isabel Barca. As questões levantadas nele são apenas apontamentos das possibilidades que o uso do musical *Arena canta Zumbi* é claro que o professor buscará conduzir a aula, mas sendo essa uma proposta de aula oficina a torna aberta ao imprevisível e as demandas dos alunos.

Uma aula que venha usar esse musical deve partir inicialmente pela escuta das canções que compõe a peça. Para isso a seleção e o recorte se fazem necessários. Para a proposta que esse texto trabalha é proposto o uso das canções *É O Banzo, Irmão!* e *A Mão Livre Do Negro* intuito de usar essas músicas é a realização de uma posterior discussão pertinente a escravidão negra no Brasil e o papel do negro na sociedade brasileira. Uma possibilidade para a proposta dessa aula é trabalhar em conjunto com professores de outras disciplinas procurando realizar reflexões mais amplas com os alunos. Uma possibilidade para essas aulas interdisciplinares é montagem amadora da peça. Com intuito de usar a peça como ferramenta didática para pensar questões referentes a cada área do saber. Dentre as possíveis disciplinas parceiras nessa empreitada estão as disciplinas de Língua Portuguesa, Sociologia e caso a escola possua tais matérias artes e ensino musical. Os alunos poderão revezar os papéis durante a peça para que todos possam atuar.

Um ponto importante ao trabalhar com alunos em sala de aula com esse musical é que suas críticas não são apenas a um passado remoto. Em determinado ponto da peça os atores falam sobre a violência contra os negros nos dias atuais. Essa fala continua falando sobre a liberdade como fruto de luta:

O número de mortos na campanha de Palmares – que

durou cerca de um século – é insignificante diante do número de mortos que se avolumam, ano a ano, na campanha incessante dos que lutam pela liberdade. Ao contar Zumbi prestamos uma homenagem a todos aqueles que, através dos tempos, dignifica o ser humano, empenhados na conquista de uma terra de amizade onde o homem ajuda o homem. (Arena contra Zumbi. Ato I Cena II)

O teatro de arena é marcadamente político centrando sua atenção para as periferias. Outro ponto importante diz respeito ao formato do palco, circular, o que elimina o cenário; mas a eliminação do cenário e adereços de palco tem um papel político. Sem o cenário a atenção se concentraria na peça, segundo um dos idealizadores desse movimento artístico José Renato. A sofisticação iludi e tira o foco dos espectadores da peça. O Teatro de Arena é uma forma de arte engajada com claras influências de Bertold Brecht com a busca de temáticas que busquem a denuncia social como se pode notar em *Arena conta Zumbi*. É importante aqui deixar claro aos alunos que a peça em questão busca ser um tribunal da história que clama por justiça e que esse não é obrigatoriamente o objetivo da aula de história. Sempre fazendo questão de lembrar que o objetivo das aulas de história é o desenvolvimento crítico da capacidade de se orientar no tempo com o intuito de permitir os alunos a agir de forma livre e com autonomia.

É preciso também levar em consideração o momento em que essa peça foi idealizada e montada. A peça veio ao teatro em um momento conturbado da história do Brasil, era o início do longo período da ditadura civil militar. Um momento da história nacional que não pode ser entendido como homogêneo no decorrer de sua duração. Contendo momentos de menor e maior repressão. Levar isso aos alunos não é importante apenas por uma questão de contextualização do musical, existem questões e problemas sociais desse momento que iram repercutir até os dias atuais, tais como o acirramento da violência policial contra as classes mais pobres, ao aumento das

desigualdades sociais. Tal abordagem da peça pode ajudar a realizar em sala de aula aquilo que Michel De Certeau chama de *desvio historiográfico*, realizar esse desvio significar a utilizar as coisas de uma forma outra daquela a qual essa foi pensada originalmente (Certeau. 1982). Tomando então o musical como esse ponto de inflexão é possível que ele venha a ser um momento de debate em sala de aula sobre a realidade de nosso país:

A liberdade, um tema que apesar de tão antigo, ainda apresentava na época (e talvez ainda hoje) uma atualidade que se encontra na constatação que o número de mortes em Palmares pode ser considerado insignificante frente a todos aqueles que na história da humanidade morreram pela liberdade. Nesta primeira menção a Palmares, ela aparece como uma utopia social onde o homem ajuda o homem. O texto muda de forma, da poesia para a prosa, mostrando a flexibilidade da sátira menipéica em sua possibilidade de intercalar os vários gêneros. (Zanotti. 2009. Pág. 206)

Inegavelmente existe uma tendência à idealização e a universalização na peça. E isso deve ser explicitado aos alunos. Para garantir que haja um maior entendimento dos alunos sobre a diferença entre uma visão teatral poética e uma visão crítica historiográfica, lembrando que essas são formas diferentes de ver o passado com objetivos diferentes. E que essas formas diferentes de ver e contar a história podem mutuamente se complementar e auxiliarem-se na busca de uma compreensão maior de nossa sociedade.

Além de uma farta historiografia sobre o tema do negro no Brasil essas reflexões são subsidiadas por uma ampla discussão sobre o ensino de História Afro-brasileira e cultura. Foram escolhidos para essa discussão textos que falam sobre as figuras negras na história do Brasil entre essas figuras está Zumbi no ensino de história, as questões sobre memória e que tangem a lei 10639/03. Quando Hebe Mattos, Martha Abreu, Carolina Vianna Dantas e Renata Moraes discutem a importância e o trajeto dos personagens negros em livros didáticos no artigo "*Personagens negros: reflexões sobre a ação política dos afrodescendentes e as representações da cultura nacional*" fazendo um importante balanço de como as figuras negras vem sendo abordadas em livros didáticos, isso é de fundamental importância, pois ajuda a perceber como foram criadas formas de se imaginar e pensar o negro e suas características no âmbito escolar.

Da mesma maneira o direito à memória e a forma como se é narrada a história do negro no Brasil deve ser foco de um debate em sala de aula visando

desenvolvimento de um pensamento crítico dos alunos com o objetivo de fomentar a curiosidade ingênua dos docentes, objetivando aquilo que Paulo Freire chama de curiosidade epistemológica (Freire. 1992). Com essas questões e apontamentos focando especificamente nas condições de se pensar uma memória e história escolar que veja o negro como sujeito ativo de sua história. Lembrado sempre que tais novas abordagens são frutos de lutas constantes e, antes de serem o fim de um percurso em que tudo está resolvido, são ainda desafios e batalhas diárias para a implantação e desenvolvimento de uma nova forma de pensar e ensinar história que leve em conta a multiplicidade dos processos históricos, quebrando preconceitos. Como nos faz pensar os textos *O cultivo da lembrança no multiculturalismo: além da memória, mas aquém da História* e *A lei 10.639/03. Desafios para uma educação anti-rascita*. Mesmo que tais textos não sejam citados em sala de aula, suas reflexões devem permear o ensino de história na busca de um ensino que permita a pluralidade e busque a superação do racismo com a construção de noções mais claras e abrangentes da cidadania.

Dos apontamentos a realização: A música em sala de aula!

Como diversos teóricos indicam é necessário levar em consideração o conhecimento prévio dos alunos. Jörn Rüsen quando defini o conceito de consciência histórica tem em foco que ela é a capacidade de se orientar. Essa capacidade vem da experiência no tempo. Criando meios de orientação no tempo para agir. Tal faculdade. Para Rüsen essa não é uma característica para pouco eruditos, mas sim de todas as pessoas. Nessa concepção a consciência histórica possui níveis de elaboração. O objetivo de uma aula de história crítica é fazer com que os alunos desenvolvam a capacidade de passar de um nível de elaboração menor a um nível maior (Rüsen. 1983). Tal noção é necessária para realização de uma aula oficina nos moldes da proposta por Isabel Barca.

Com tais apontamentos levantados é chegada à hora de por em prática um plano de ação para realizar uma aula sobre a importância negra na história do Brasil usando como um suporte a peça musical *Arena conta Zumbi* focando prioritariamente em suas músicas. O musical contém 12 músicas que narram do início da saga de Zumbi avô de Zumbião fim de Palmares com a morte de Zumbi, contendo canções que variam de momentos de alegria e festa a passagens tristes e dolorosas. Existem várias possibilidades de uso para as músicas do espetáculo, com variadas combinações para selecionar. E entre as muitas possibilidades essa proposta de oficina escolheu priorizar

duas músicas que serão trabalhadas em contra ponto entre si. São elas *É Banço, Irmão!* e *Se a mão livre do Negro* escolha dessas músicas se dão por serem canções que demonstram momentos opostos com sentimentos contrastantes.

É o Banço, Irmão!

(Edu Lobo 1968)

Luanda!

Luanda!

Ah, sinto cheiro da mata

Luanda!

Aonde está?

Cadê Luanda?

Aonde está, aonde está?

Cadê Luanda?

Aonde está?

Quebra o mastro

Quebra a vela

Quebra tudo o que encontrar

Quebra a dor

Quebra a saudade

Quebra tudo até afundar

Cuidado é o banço, irmão

Cuidado é o banço, irmão

O banço é um sentimento de tristeza profunda que atingia os negros africanos eles tinham esse sentimento devido à dor da diáspora e a condição de escravidão em que se encontravam. Os escravos se referiam à saudade de sua terra natal, um sentimento que era destruidor, pois trazia consigo uma profunda tristeza com um desejo de morte. Esse estado que hoje seria chamado de depressão levou muitos africanos à morte. Quando o banço se instalava o negro perdia a vontade de viver, não comia ficava triste e amuado, perdendo assim a força para o trabalho, da perspectiva do senhor de escravos isso era um grave problema uma vez que isso significava não apenas a perda de força de trabalho, o que significa perda de produtividade, mas também o prejuízo do investimento. Para a visão da história econômica essas questões ligadas são de fundamental importância. Essa temática pode ser abordada na oficina de forma mais profunda se assim os questionamentos e direcionamentos dos alunos levarem aí isso. Mas

o objetivo de uma oficina tratada nesse é tratar prioritariamente sob aspectos sócio-culturais. Por isso questões como o peso e significado da diáspora africana para os negros que aqui chegavam e seus descendentes guiaram e conjunto com problemáticas históricas sobre a escravidão no Brasil o enfoque será dado a essa música.

Essa é uma canção busca falar do sentimento agonizante que Ganga Zambi tem após sua chegada como escravo no Brasil. Assim como Zambi muitos negros que aqui chegaram tiveram suas vidas mudadas de forma arrasadora, carregando dentro de si uma dor que palavra alguma dita por um historiador poderia expressar da maneira correta. O que não significa de forma alguma que os historiadores devam abrir mão de buscar a melhor maneira de tratar sobre o assunto.

Entender de uma forma histórica esses processos a partir de reflexões que a música permitem não é o mesmo que pensar essa canção como um mero reflexo de uma outra época, no máximo o que se tem é a reflexão que alguém ou um grupo tem sobre as suas percepções da realidade. Ter em mente que a música assim como outros documentos não é transparente. Que existem percalços e armadilhas na interpretação das canções. É necessário compreender a que a música não é mero reflexo da sociedade, mas sim faz parte dessa sociedade não assim um elemento isolado. A música então pode ser um elemento que ajude apreensão de facetas do passado que os documentos escritos ou de outras naturezas não dão conta:

Assim a música foi introduzida no campo de pesquisas como mais uma alternativa para compreender uma série de temas históricos que de um ponto de vista mais tradicional pareceriam esquecidos e desprezados. De certa forma isso aconteceria porque as temáticas associadas ao sentimento, às paixões ao subjetivo e ao cotidiano se identificavam ao indivíduo e sua vida privada que não eram considerados objetos relevantes para História. (Frederico de Castro Neves. 2003.pag. 69-70)

Dentro de tal forma de pensamento o ato de levar músicas para sala de aula não pode ser visto com atitude apenas de dar exemplos aos alunos. Entender a música como parte de um todo como nos ajuda entender marcos Napolitano: “Além disso, o historiador não pode negligenciar os efeitos da conjuntura histórica que ele está estudando e o papel da música em espaços sociais e tempos históricos determinados.” (Napolitano, 2001, pg. 36). Levar tal noção para sala de aula é fundamental para que a

canção seja vista como uma ferramenta nas mãos do professor, que fará dela um meio crítico para discussão da história. Por isso a proposta de uma aula oficina que use esse musical como meio para atingir uma compreensão crítica usar essas canções como instrumentos que detonem uma série de pensamentos crítico reflexivo dos alunos.

Do ponto de vista estético pode ser dito essa é uma canção que contém um ritmo agressivo marcado por uma sensação de angústia e mal estar. Em conjunto com seu andamento rítmico acelerado impaciente às vezes temos um coro que se repete no decorrer da música. Esse coro que se repercute de maneira retumbante no decorrer da canção ajuda a criar uma atmosfera tensa ao repetir é o banzo, é o banzo, é o banzo... no decorrer toda a canção como um pano de fundo ajudando a criar um clima de desolação. Dando a idéia de como o banzo é destrutivo sendo capaz de destruir tudo. Levar isso para sala de aula é um desafio a ser enfrentado

Se a Mão livre do Negro

(Edu Lobo 1968)

Se a mão livre do negro tocar na argila
o que é que vai nascer ?

Vai nascer pote pra gente beber
nasce panela pra gente comer
nasce vasilha, nasce parede
nasce estatuinha bonita de se ver

Se a mão livre do negro tocar na onça
o que é que vai nascer ?

Vai nascer pele pra cobrir nossas vergonhas
nasce tapete pra cobrir o nosso chão
nasce caminha pra se ter nossa Ialê
e atabaque pra se ter onde bater

Se a mão livre do negro tocar na palmeira
o que é que vai nascer ?

Nasce choupana pra gente morar
e nascem as rédes pra gente se embalar
nascem as esteiras pra gente deitar
nascem os abanos pra gente se abanar

oi que é pra gente abanar
pra gente abanar (BIS)

Outras canções poderiam fazer um contra ponto a *É o banço, Irmão!*, como a *Canção da Dádiva da Natureza* com sua melodia alegre que fala sobre as belezas da fauna e flora brasileira contrastando com o sentimento de tristeza da canção do banzo. Mas em contra partida essa seria uma canção que coloca a figura do negro em uma situação de passividade diante a natureza exuberante.

Por essa razão foi escolhida a *Canção da Dádiva da Natureza* por colocar o negro e o negro livre como um agente ativo. Então mesmo sendo uma música menos vibrante em relação a outra possibilidade apontada aqui é que ela se encaixa melhor no propósito da aula, pois além de colocar uma visão do negro como sujeito ativo e com potencial de criação em que muitas vezes no decorrer da canção vem mostrando o força criadora do negro a fabricar os mais diversos utensílios, o que permite trabalhar em sala de aula o conceito de *visões da liberdade* trabalhada por Sidney Chalhoub. Aquin esse momento o objetivo é quebra a visão que só existe uma única forma de se viver e pensar a liberdade. Pensar que talvez mais importante do que a liberdade jurídica para os negros fosse a possibilidade de escolher seu destino, de poder constituir suas famílias, criar laços de afeto sem os medos e pressões do cativo bem como andar por onde queiram, enfim não correspondendo obrigatoriamente a noção burguesa de liberdade (Chalhoub. 1990)

A mão livre é uma mão que controla seu destino e por isso mesmo o fruto desse trabalho é do negro. O trabalho aqui é visto como agente que modifica a natureza garantindo a sobrevivência. É o que segundo Marx a condição ontológica do homem, colocando em miúdos o homem só pode existir transformando a natureza, mas ao transformar natureza ela transforma o homem (Marx e Engels. 1845). Mas nem o trabalho do negro dá frutos para ele. No sistema de produção escravista que figurano Brasil desde os tempos da colônia até próximo ao final do Império em 1888 quando após uma série de pressões advinda de varias partes, entre elas a dos próprios negros. Apontar tal fato é necessário, pois quebra nos alunos visão do negro submisso dando aos negros uma força criadora.

Colocando a questão da forma que as músicas da peça apresentam sem uma leitura contrapelo será gerada uma visão de que as únicas formas de se atuar frente a

escravidão é a luta aberta ou a aceitação, com no trecho de um a música da peça em que um dos atores fala a seguinte frase: [...]“*sendo assim eu prefiro cativo*” [...]esse trecho no final da *Canção da dádiva da natureza* refere a fato da falta de uma companheira. Se for visto de forma apenas literal a impressão criada é que o cativo é aceito de bom grado. Apesar do personagem em questão ser uma clara referência ao negro que tem medo da liberdade sempre reclamando de tudo.

Mas por outra leitura podemos ver a possibilidade outras formas de resistir e mesmo de se entender a liberdade. Como sendo o direito de ser feliz de escolher a quem servir ou não, como demonstra Sidney Chalhoub ao exemplificar as várias atitudes que negros escravos poderiam tomar frente a escravidão, bem com suas táticas para driblar o sistema. Como dizer que sua liberdade era a vontade de seu falecido senhor e que portanto ao buscar a liberdade estava cumprindo esse desejo final do seu senhor e que quem obrigava ele a ficar na condição de escravo vai contra a última vontade de um moribundo. Tais estratégias demonstram criatividade para burlar o sistema, é evidente que o trabalho do professor Chalhoub não deve ser visto como universal este é um trabalho circunscrito ao seu período de estudo e seu espaço geográfico trabalhado. O mesmo vale para o trabalho de Robert Slenne sobre a família escrava no qual são estudados os laços de afinidade e relacionamento das famílias escravas, mostrando que nas senzalas podem sim haver flores. Tais obras são luzes que podem permitir avançar no entendimento sobre esse período de nossa história, não modelos. Levar tais questionamentos para sala de aula usando as músicas de Arena Conta Zumbi como uma ferramenta para se discutir o papel do negro a sociedade brasileira.

Apontamentos finais sobre o uso de Arena Conta Zumbi na sala de aula

A aula que esse texto propõe está ligada ao desenvolvimento de certas competências elencadas nos PCNs sendo elas a capacidade de problematizar a vida social, o passado e o presente, na dimensão individual e social; Comparar problemáticas atuais e outros momentos históricos; Estar atento às referências temporais (seqüência, simultaneidade, periodização), que permitem ao aluno se situar historicamente ante as realidades presentes e passadas; Compreender que a História é construída pelos sujeitos históricos; Compreender o trabalho como elemento primordial nas transformações históricas; Perceber a complexidade das relações de poder entre os sujeitos históricos; Compreender a cultura como um conjunto

de representações sociais que emerge no cotidiano da vida social e se solidifica nas diversas organizações e instituições da sociedade; Aprimorar atitudes e valores individuais e sociais e Exercitar o conhecimento autônomo e crítico. É, no entanto de conhecimento que apenas uma aula não seria capaz de produzir este efeito nos alunos, sendo ele o fruto de ações continuadas do discente no intuito de fomentar a autonomia e criticidade dos alunos. Partindo de que é possível a realização de tal intento com a utilização das canções da peça musical *Arena conta Zumbi* foi recomendado por este texto tal desvio usando o termo de De Certeau por se acreditar que as questões de cunho subjetivo e emotivo que a história e músicas do espetáculo trazem não são um empecilho para o ensino de história, mas sim um ponto fundamental. Pois é necessário gerar emoção no alunato sejam emoções de encantamento, empatia, reconhecimento ou mesmo o de incômodo e aversão.

Como toda atividade educacional planeja é preciso que ocorram avaliações a fim de se notarem os pontos positivos da abordagem e problemas que possam aparecer para que assim possam ser corrigidos. Mas antes de tudo deve ser ter em mente que tal proposta não visa o conteúdo em si, mas o desenvolvimento dos docentes. Baseado no propósito da aula oficina que a professora Isabel Barca apresenta, a avaliação acontecerá de forma continuada. Colocado de maneira desdobra a avaliação terá como objetivo de se verificar os conhecimentos prévios dos docentes elencando a constelação de conhecimentos que tenderam a ser mais genéricos e menos aprofundados (não sendo isso uma regra mais sim uma tendência).

No decorrer das aulas deveram ser observadas as transformações nas noções dos alunos. Cominando com realização um pequeno trabalho escrito. O objetivo desse trabalho não é apenas o de julgar se os alunos tiveram um aprendizado satisfatório, mas também analisar o progresso dos alunos bem como sua capacidade crítica. Se no fim da aula se os docentes conseguirem problematizarem temas como escravidão negra no Brasil de forma crítica e mais verticalizada saindo de senso comuns a proposta terá obtido êxito. Esse sucesso não significa a homogeneização dos alunos ou o bancarismo que torna os alunos fiéis depositários do conhecimento do professor. Mas sim o desenvolvimento de capacidades da realização de críticas ao passado escravista do Brasil Bem como a capacidade de observar rupturas e permanências desse passado em seu dia a dia. A proposta defendida nesse texto usa as canções do espetáculo *Arena canta Zumbi*, mas outras canções ou formas de criação cultural poderiam ser usadas, pois o que importa aqui é essa busca por formas de desenvolver a autonomia dos alunos na

busca por conhecimentos tem do a cidadania e ética como objetivos para o ensino de história.

Fontes

ARENA CONTRA ZUMBI

Ficha Técnica:

Texto: Augusto Boal e Gianfrancesco Guarnieri

Música: Edu Lobo

Direção Geral: João das Neves

Direção Musical: Titane

Álbum: EDU CANTA ZUMBI

Artista: Edu Lobo

Gravadora: Elenco

Produção: Aloysio de Oliveira

Formatos: (LP/1968)

Ano de lançamento: 1968

Site oficial de Edu Lobo

<<http://www.edulobo.com.br/site/>> Acessado em 20 de outubro de 2014

Áudio de ARENA CONTRA ZUMBI 1965

Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Bb4-x9D5RIw>> acessado em 25 de outubro de 2014

Bibliografia

BARCA, ISABEL. **Aula Oficina:** do projeto à avaliação. IN: Actas da IV Jornadas Internacionais de Educação Histórica. Braga: Universidade do Minho, 2004.

BARREIRO, José, **Os Parâmetros Curriculares Nacionais e novos desafios da escola.** IN: SIMPÓSIO NACIONAL DA ANPUH, 19. 1997, Belo Horizonte, MG; MARTINS, Ismênia de Lima; MOTTA, Rodrigo P. de Sá. **História e cidadania:**

[anais] XIX Simpósio Nacional da ANPUH . São Paulo: ANPUH: Humanistas, 1998 2 v.

BRASIL. *Orientações Curriculares para o ensino de médio*: Ciências Humanas e suas tecnologias. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008, v3.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais História*. Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC, 1998.

CHALHOUB, S. *Visões da liberdade*: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte (7ª. impressão: 2009). 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. 287p

CHALHOUB, Sidney. *A força da escravidão*: ilegalidade e costume no Brasil oitocentista. São Paulo: Companhia das Letras. 2012.

DE CERTEAU, Michel. *A Escrita da história*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes;*revisão técnica [de] Arno Vogel.– Rio de Janeiro: Forense Universitária,1982.

FERREIRA, Martins. *Como usar a música na sala de aula*. 7. ed. São Paulo, SP: Contexto, 2007. 238p. (Coleção como usar na sala de aula)

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa*. 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

MARX, Karl; ENGLS, Friedrich. *A ideologia Alemã*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MATTOS, Hebe. *Introdução A essência do Contrato*. IN: COOPER, Frederik; Holt, Thomas C; SCOTT; Rebecca J. *ALÉM DA ESCRAVIDÃO*; Investigações sobre raça, trabalho e cidadania em sociedade pós-emancipadas.

NAPOLITANO, Marcos. *HISTÓRIA & MÚSICA*. 3a Ed. Belo Horizonte. Autentica. 2005

NEVES, Frederico de Castro. *PARA FUTUROS HISTORIADORES*: Teoria e História na Música de Chico Buarque de Holanda. In Vasconcelos, Antonio Gerardo & Magalhães JUNIOR, Antonio Germano (org) *LINGUAGENS DA HISTÓRIA*. Fortaleza. Imprece. 2003

RIOS, K. S. ; RAMOS, F. R. L. . *O cultivo da lembrança no multiculturalismo*: além da memória, mas aquém da História. In: Funes, Eurípedes; Lopes, Francisco Régis; Ribard Franck; Rios, Kênia Sousa. (Org.). *África, Brasil, Portugal*. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2010, v. 01, p. 216-228.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica**. Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Ed. UNB, 2001, 194p.

SILVA, João Aldemir Vieira da. *A lei 10.639/03. Desafios para uma educação anti-rascita*. In: HOLANDA, Cristina R. (Org.). Negros no Ceará: história, memória e etnicidade. 1 ed. Fortaleza: Museu do Ceará, 2009, v. 1, p. 213- 232.

SILVA, Marcos Antonio. **Parâmetros para quem?** Outras histórias. IN: SIMPÓSIO NACIONAL DA ANPUH, 19. 1997, Belo Horizonte, MG; MARTINS, Ismênia de Lima; MOTTA, Rodrigo P. de Sá. **História e cidadania**: [anais] XIX Simpósio Nacional da ANPUH. São Paulo: ANPUH: Humanistas, 1998 2 v.

SLENES, Robert Wayne. *Na senzala, uma flor*: esperanças e recordações na formação da família escrava: Brasil Sudeste, século XIX. 2ª ed. corrigida. Campinas: Editora da Unicamp, 2011. 302 p.

ZANOTTI, Luiz Roberto. *A carnavalização em Arena conta Zumbi*. In: CELLI-COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS . 3, 2007, Maringá. Anais... Maringá, 2009, p. 611- 623